

Pastore esboçou acerto semelhante

BRASÍLIA — O acordo que os bancos credores estão dispostos a fazer com o Brasil é muito parecido com o encaminhado pelo ex-Presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, no início de 1985. Na época, ele obteve um prazo de 25 anos para rolagem do principal da dívida e uma taxa de **spread** de 1,125%, a mais baixa do mercado.

Mas abriu mão de dinheiro novo pelos três anos seguintes, porque partiu-se do princípio que o chamado "ajuste" (recessão) a que a economia fora submetida recentemente seria capaz de garantir repetidos saldos comerciais de US\$ 12 bilhões (CZ\$

1,08 trilhão, em valores atuais) ao ano.

Hoje, os bancos oferecem 0,875% de **spread**, 20 anos de prazo para o principal e a metade das necessidades brasileiras de financiamento.

O grande charme da negociação de 1985 é que ela tinha o caráter plurianual e suspendia acertos sobre juros por três anos. Mas a decretação do Plano Cruzado, que elevou o crescimento industrial para mais de 10%, jogou por terra a lógica do "ajuste" do então Ministro do Planejamento, Delfim Netto. Na prática, o que o Brasil conseguiu foi ficar três anos sem um centavo dos bancos.